“Os Dias de 4891”

O ruído metálico do despertador ecoou pelas paredes brancas e sem vida do dormitório. O número **4891** abriu os olhos de súbito, sentindo o peso invisível da rotina se acomodar sobre seus ombros antes mesmo de se levantar. A sala de higienização o aguardava. Ele caminhou em passos programados até a cabine onde a névoa sintética o envolveu, limpando impurezas físicas e preparando sua mente para a reinicialização diária.

No exato momento em que o líquido translúcido escorreu de seu couro cabeludo, um som agudo invadiu seus ouvidos. As telas à sua frente se acenderam, projetando imagens e mensagens com um brilho hipnótico. A voz mecânica anunciou:

— *"O ontem foi apagado. O hoje começa agora. Trabalhe, sirva, consuma. O Leviatã observa."*

Os olhos de **4891** se fecharam por um instante. Mas, diferente dos outros, ele tinha um segredo. Sob sua cama, um caderno amarelado repousava escondido na gaveta de sua cômoda. Ali, dia após dia, ele registrava as horas esquecidas, as verdades apagadas.

Vestiu seu uniforme cinza, onde o número *“4891”* brilhava na frente do seu macacão cinza uniformizado. Ao sair de seu cubículo, caminhou pelos corredores iluminados artificialmente até o setor onde trabalhava: **Departamento de Desinformação**. Era ali que as manchetes eram fabricadas, onde o passado era moldado e o presente reescrito a cada manhã.

Ele se sentou diante da tela de plasma, onde um texto piscava:

"O governo zela pela sua segurança. O amor é desvio. O passado é mentira. O Leviatã é eterno."

Suas mãos hesitaram sobre o teclado. Quantas vezes já havia escrito essas palavras? Quantas vezes já as acreditara? Mas algo dentro dele resistia. E agora, diferente de antes, ele sabia.

Na noite anterior, lera suas próprias anotações. Pela primeira vez, 4891 havia se lembrado.

A cidade era um labirinto simétrico, onde cada construção refletia a frieza do sistema. As ruas eram repletas de figuras silenciosas, todas com uniformes cinzas, todas carregando números em seus peitos. Nenhuma conversa, nenhum olhar trocado. Apenas trabalho. Apenas progresso.

A distinção entre XX e XY não servia para nada além de catalogação. Relacionamentos eram uma anomalia, um erro a ser corrigido. Sexo era um crime capital. Aqueles que ousavam desafiar essa ordem pagavam o preço.

No subterrâneo, onde os médicos do governo realizavam suas funções impiedosas, as XX que engravidavam clandestinamente eram levadas à força. Seus fetos, retirados a frio, eram transformados em combustível para alimentar a chama do Leviatã.

Todos os anos, a grande cerimônia acontecia na praça central. De baixo da chuva, multidões em êxtase dançavam ao redor da imensa estátua do deus

mecânico, enquanto a música psicodélica os mergulhava num transe de devoção.

E 4891 sabia disso. Ele havia registrado tudo.

Naquela noite, ao retornar para seu dormitório, ele abriu sua gaveta com o coração acelerado. O caderno estava lá. As palavras que ele mesmo escrevera estavam ali, esperando por ele.

"O Leviatã não é deus. O governo mente. XX e XY foram feitos para amar."

Ele respirou fundo. Amanhã, quando acordasse, tudo seria apagado novamente. A lavagem cerebral garantiria que a obediência fosse restabelecida.

A menos que…

4891 pegou uma caneta e começou a escrever. Escreveu até seus dedos doerem. Escreveu sobre o que viu, sobre o que sentia. Sobre as XX e XY que desapareceram. Sobre os fetos queimando. Sobre o Leviatã, que não era nada além de uma mentira sustentada pelo medo.

Naquela noite, antes de dormir, ele se armou de um último recurso.

Abriu o caderno na última página e escreveu em letras grandes:

"LEIA ANTES QUE TE APAGUEM."

Quando o despertador soou novamente na manhã seguinte, 4891 abriu os olhos. Sentiu o peso da rotina, o chamado da lavagem cerebral.

Mas então, ao se virar na cama, viu algo estranho.

Havia um caderno em sua cômoda.

E em sua capa, algo lhe dizia que ele precisava abrir.

Ele o fez.

E, pela primeira vez, **4891** se lembrou.

— *"O ontem não foi apagado."*

E a revolução começou.